

O SINAL DE SETA

Já vivi bastante. Cerca de 25.200 dias, incluindo os anos bissextos. Amo a vida, a cidade, a família, os amigos, as pessoas, principalmente as crianças. Já gostei muito de trabalhar. Sou vidrado em estudar e adoro ler. Ultimamente tenho me deliciado, embora o preço dos livros esteja pela hora da morte. Com grande prazer li o "Evangelho Segundo Jesus Cristo" (José Saramago), "Parati" (Amyr Klink), "O Parque dos Dinossauros" (Michael Crichton), "O Poder Do Mito" (Joseph Campbell), "O Escândalo Modigliani" (Ken Follet). Como meu dinheiro é meio curto, reli os "Contos de Voltaire", "Os Contos Completos de Oscar Wilde", "As Vidas Secas" (Graciliano Ramos), "O Meu Pé de Laranja Lima" (José Mauro de Vasconcelos), "Os Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais" (Cora Coralina), "Primeiras Estórias" (João Guimarães Rosa). Li também "Bariri e Sua História" (João Baptista de Mello), para saber coisas sobre meus avós paternos Joaquim Negrão e Maria do Espírito Santo Negrão, que moravam naquela cidade, onde meu Pai nasceu em 1897. Sou um devorador de livros, porque assim conheço outras vidas, novos pensamentos, situações vividas por outras pessoas, seus desejos e sonhos. Quando os livros são bons, sempre sinto a

mesma coisa: quero terminar para saber o final, mas lamento que a leitura vai acabar. Por outro lado, sou tocado pela vã vaidade de considerar os escritores como irmãos e sinto uma pontinha de inveja em pensar que meu nome poderia vir impresso na lombada, na capa dos volumes. As idéias alheias me fascinam e, a rigor, é inegável que os escritores são imortais, pouco importando que a maioria deles já tenha morrido. Dizem que o tempo é uma abstração, que só existe na mente da gente. Na obra magistral de Joseph Campbell ("O Poder do Mito"), aprendi que quando morre uma pessoa querida (Pai, Mãe, irmão, filho, amigo), basta que se faça abstração do tempo, para lembrar-se apenas dos momentos felizes que passamos ao lado dos mortos queridos. E, surpreendentemente, vê-se que eles estão vivos junto conosco.

Quase na mesma ordem de pensamentos, há muitos anos li (não sei onde) que a vida é como um grande rio, que vai desde o nascimento até o final, para uma espécie de mar desconhecido.

Como estamos em outra época, pode-se dizer que a vida é uma longa (ou breve) estrada, por onde se caminha, sempre para a frente, sem retorno. Ninguém sabe quando ela vai terminar. Existem paisagens lindas, felizes, deslumbrantes. Há trechos duros, ásperos, infelizes, cheios de contratemplos e ansiedades. Por longo tempo, caminha-se na companhia dos

Pais, sentindo a segurança. Inesperadamente, os companheiros de jornada vão ficando pelo caminho. Mas, tem-se de continuar pela rodovia do destino, sozinhos e amargurados. Felizmente, outras pessoas se juntam a nós, prosseguem conosco, trazendo novo alento, novas alegrias e felicidades.

É sabido que qualquer motorista prudente, quando tem necessidade de parar, dá sinal de seta para a direita, para poder deixar a pista e entrar no acostamento. Os outros viajantes prosseguem, até onde der.

Meu carro está bom. Seu desempenho, por enquanto, é perfeito. Os pneus estão em forma. O motor está bem regulado. Ainda tenho bastante combustível. Companheiros mais novos me acompanham. Ainda não pretendo dar sinal de seta. Acho que ainda vou longe, rindo ou chorando. Mas, nunca se sabe, principalmente quando desde a partida já se passam 25.200 dias.